

Primeiras construções sobre a água

Famílias de baixa renda enfrentaram os desafios da natureza para erguer suas casas em 1º de Maio

Barracos erguidos sobre as águas da maré marcaram o início da ocupação do bairro 1º de Maio, em Vila Velha. Famílias de baixa renda do município começaram a chegar ao local há cerca de 30 anos.

Sem muitas alternativas, o jeito era enfrentar os obstáculos impostos pela própria natureza e conviver com os altos e baixos da maré e com o lamaçal.

A dona-de-casa Tereza de Oliveira Leite, 68 anos, foi a primeira moradora.

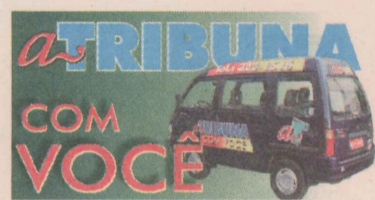
“Construí minha casa no meio da água. Com a chegada dos vizinhos, fomos emendando uma pinguela na outra para possibilitar a nossa passagem por cima da maré”, lembrou.

Aproveitando um aterro em Alecrim, um bairro vizinho, os habitantes de 1º de Maio iam buscar lixo para aterrar a frente de suas casas.

Nessa época, o lugar era conhecido como Santa Rita II, devido à localidade vizinha. Benefícios como água e luz não existiam. A comunidade utilizava uma torneira pública em Alecrim e a energia elétrica era fruto de ligações clandestinas.

Segundo moradores antigos, a situação daquele tempo provocou tragédias.

“Houve casos de crianças caí-



rem na maré ao passar pelas passarelas improvisadas. A maioria, as pessoas salvavam, mas algumas morreram afogadas”, contou Tereza.

VISUAL

Em 1984, o visual do bairro começou a melhorar com o início das obras do aterro. De acordo com o ex-prefeito Vasco Alves, que exercia a gestão naquela época, a prefeitura fez um estudo na região e constatou que não havia mais chances de salvar o mangue.

A pesquisa revelou que a quantidade de fezes e urina despejada no mangue já havia destruído todas as espécies de vida no manguezal.

“Devido ao grau de degradação ambiental, constatamos que o único caminho era a urbanização. E foi aí que demos início ao aterro, que foi concluído em 1985”, informou o ex-prefeito.

Nos anos seguintes, foram executadas outras melhorias, como rede de esgoto, asfaltamento de ruas e instalação de rede elétrica e hidráulica.

Homenagem ao trabalhador

O bairro 1º de Maio, em Vila Velha, tem esse nome em homenagem ao Dia do Trabalhador. A comunidade foi batizada em 23 de maio de 1985, quando a prefeitura legalizou o bairro, que até então era conhecido como Santa Rita II, devido a uma localidade vizinha.

Para comemorar, moradores fizeram uma festa que chegou a durar dias. “Foi uma alegria imensa para nós ao vermos nosso bairro crescendo e ganhando um nome”, disse a dona-de-casa Rute de Moraes Pereira, 63 anos.

Há cerca de 23 anos, na época dos barracos e pinguelas so-

bre a maré, ocorreu um fato que provocou pânico nos habitantes de 1º de Maio. Foi o primeiro tiroteio ocorrido no lugar.

Dois rapazes, vindos de outras comunidades, foram parar no local para escapar da polícia, que passou a persegui-los.

“Ninguém sabia o que estava acontecendo. Só nos deparamos com policiais correndo pelas pinguelas atrás dos dois homens. Um deles caiu na maré e morreu atolado. O outro esperou a polícia ir embora e depois foi salvo pelos moradores”, contou a dona-de-casa Arlete de Souza.

chamada para conter os ânimos dos moradores e dos motoristas, que queriam passar e estavam sendo impedidos, segundo informações do Copom.

No local estão sendo registrados vários acidentes graves e a população resolveu agir, realizando a manifestação.

MANIFESTAÇÃO – Houve muita briga ontem, no bairro Tabajara, em Cariacica, por causa de uma manifestação preparada pelos moradores na Rodovia José Sette, devido à falta de quebra-molas no local.

A Polícia Militar precisou ser



Tereza de Oliveira Leite foi uma das primeiras moradoras do bairro 1º de Maio

“Sinto saudades daquele tempo”

“Fui a primeira moradora aqui a erguer um barraco em cima da água. Não havia nada nesse lugar. Depois do aterro, as melhorias começaram a chegar e conquistamos muitas obras boas.

Mas, apesar do progresso, confesso que sinto saudades daquele tempo em que tudo

era lama à nossa volta. O motivo? A tranquilidade que hoje não se tem mais. A violência está por toda a parte.

Tínhamos uma vida pacata que hoje não podemos mais contar. Era uma época maravilhosa.

Guardo boas recordações.

Todo mundo podia dormir de janela aberta e era possível tomar banho na maré, pois a água era limpa. Infelizmente, essas coisas não voltam mais e eu sinto falta disso.”

Tereza de Oliveira Leite, 68 anos, a moradora mais antiga do bairro.